

arte+culture **PLURAL**

PING PONG.COM VICTOR RICE

PÁG. 06

Perfil: André Pochat

PÁG. 08

Descendentes da diáspora Armênia

Em memória do genocídio, o povo Armênio celebra sua cultura como forma de resistência.

PÁG. 10



arte+cultura

MAIO 2019

PLURAL



PING PONG COM VICTOR RICE



Perfil: André Pochat

10



Descendentes da diáspora Armênia



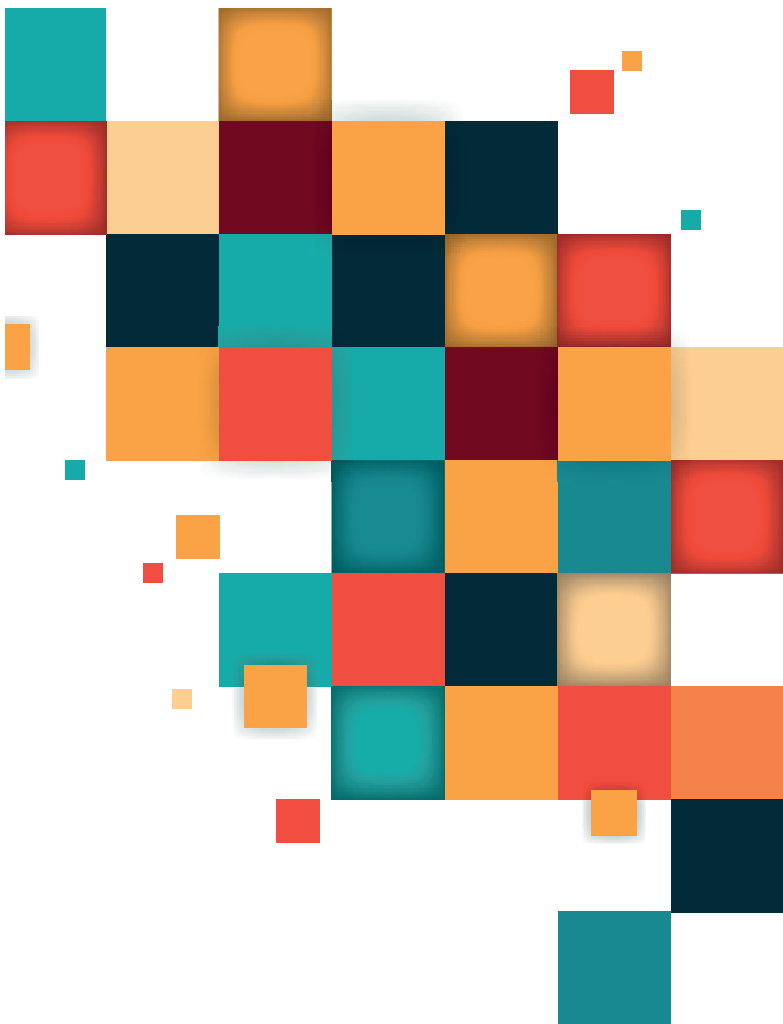
LOLLAPAL LOZA



UMA EXPERIÊNCIA ETILÍCA



SOFT POWER



Por uma Cultura Social

Nesta primeira edição da revista Plural, procuramos cobrir as mais diversas áreas que compreendem a cultura e trazer uma definição bastante plural e inclusiva. E a cultura é tudo aquilo que um povo cria e absorve, é um processo de transformação em que o criador e a criatura se confundem, produzimos a cultura ou reproduzimos, o mais natural seria nos entender como parte da cultura.

A cultura que vem sendo atacada, com o corte de verbas no cinema, na educação, na produção científica e em muitas outras partes da nossa cultura é bastante dolorido para nós. Isso se trata de um processo de desfiguração da identidade nacional, de desestruturação da nossa nação, que desmata e deixa um terreno fértil para a dominação de culturas externas e de interesses nada espontâneos. Parte do que torna tudo isso ainda mais vil, é o fato de que isso não é percebido como uma violência. Suprimir a cultura de um povo é uma das formas mais antigas de dominação e humilhação. A cultura deve se levantar contra isso e ocupar os espaços, incorporar as lutas sociais e educar a sociedade.

Uma sociedade autônoma culturalmente é uma sociedade consciente da própria cultura, que não enxerga as pessoas com preconceito e que entende que o bem estar social está acima de todas essas coisas nefastas, como o lucro que desmata, mata e explora. A cultura social deve ser inclusiva e plural.

Bruno Borges
Editor Chefe

Esta é uma produção acadêmica dos alunos do 5º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário FIAM-FAAM - Campus Ana Rosa | Reitor do complexo FMU FIAAM FAAM: Ms. Manuel Nabais da Furriela | Gerente da Escola de Educação, Comunicação, Artes, Moda e Design: Dr. Vicente Darde | Coordenação do Curso de Jornalismo: Dr. Vicente Darde | Coordenadora Adjunta do Curso de Jornalismo: Ms. Mayara Luma Maia Lobato | Professora Orientadora: Ms. Carla de Oliveira Tôzo | Editor Chefe: Bruno Borges | Repórteres: Bianca Areas, Igor Carvalho, Kleber Paixão, Micaela Cosas e Nathalia Freitas | Diagramação: Igor Carvalho





No próximo domingo dia 22/05 vamos assistir ao **CENTOCATUAM SÃO PAULO**, um dos maiores eventos culturais da

RAPPER FROID.

Rapper, DJ e ator brasileiro no dia de hoje. O rapper FROID, além de cantar e fazer shows, também atua como ator em filmes e séries de televisão, como *Velozes e Rápidos 2* e *Malcolm & Marie*.

ALÔ SP!

por Nathalia Freitas

MAIO PROMETE!

Para maiores informações:

SERVIÇO:

Data: 22 de maio de 2022 (domingo)

Horário: 20h

Duração: 90 minutos

Local: CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
ICOSP – SALA EDORNI DINIZ BOSSA

End.: Rua Margary 1700 - Urubitinga, São

Paulo - SP - Tel: (11) 3000-4000

Descontos para 65% Legumes

INGRESSOS:

Ingressos online

<https://www.ingressoapdo.com.br/>

valor: R\$ 20,00 - R\$ 10,00 (fora de São Paulo)

Bilhetes do Centro Cultural São Paulo (CCSP)

Valor: R\$ 10,00

Horário de funcionamento: Terça a

sábado, das 14h às 20h00. Domingos,

das 20h às 20h30

Valor: R\$ 10,00

Valor: R\$ 20,00

Valor: R\$ 10,00 (fora de São Paulo)

FROID nasceu em São Paulo, mas tem uma visão global do mundo. Com o nome **FROID**, ele tem suas raízes na música, mas também atua como ator em filmes e séries de televisão. O rapper brasileiro é conhecido por suas letras e sua música é uma mistura de rap e soul.

'A TEORIA DO CICLO DA ÁGUA'

FROID lançou seu primeiro álbum, *A Teoria do Ciclo da Água*, em 2019. O rapper brasileiro é conhecido por suas letras e sua música é uma mistura de rap e soul.



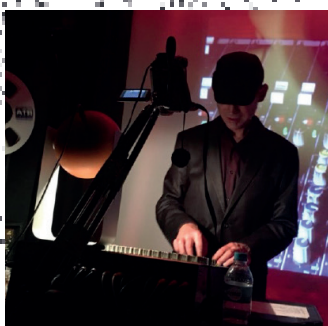
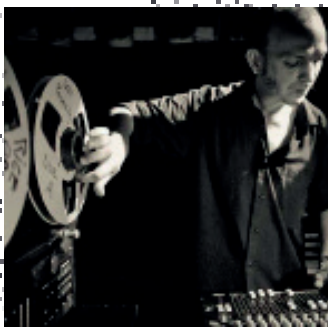
Realização: Centro Cultural São Paulo - CCSP | 11-8 Cultural
Froid Teoria do Ciclo da Água CCSP @CCSP_Cultural
www.cultural.org.br

PING VICTOR RICE PONG

por Micaela Cosas

Vencedor de dois Grammys pelo disco "Mulher do Fim do Mundo" de Elza Soares e "Dance" de Tulipa Ruiz, Victor Rice conta sobre sua carreira de produtor musical.

Natural de Huntington, Nova Iorque, Victor Rice é produtor musical, engenheiro de mixagem, designer de som e músico formado na Manhattan School of Music, mora em São Paulo há mais de 16 anos onde tem seu estúdio no Copan.



Como foi seu começo na música?

>>>Eu comecei a tocar baixo depois de me frustrar com o piano e violão, sou 1 de 6 filhos e mesmo meus pais não sendo músicos, eles quiseram que todos os filhos tivessem dila de música, ou piano ou violão. Só que eu nunca dava certo com os professores de piano, fiquei sabendo muitos anos depois que o piano que eu tocava estava tão desafinado que o que eu conseguia tocar nele em casa, não conseguia reproduzir em outro piano.

Você sempre gostou de reggae?

>>>No começo eu comecei a gostar de baixo ouvindo Led Zeppelin, mas olhando pro Bob Marley e Jimmy Cliff comecei a perceber que o baixo é muito mais importante em música jamaicana do que qualquer outro gênero e foi assim que comecei a gostar mais de reggae.

E como surgiu o interesse pelo baixo?

>>>Bom, minha família descobriu que eu tinha um bom ouvido pra música, então fiquei tentando piano, mas foi só com o baixo que eu entendi a função e o poder da música. Eu tinha 13 anos e estava escutando Immigrant Song do Led Zeppelin, a música começa com bateria e guitarra e em uns compassos dentro do primeiro verso começa o baixo, então fiquei me perguntando o que era aquilo, porque parecia que a música só estava começando naquele momento, foi então que eu entendi o poder do baixo. Ouvia muito Bob Marley e Peter Tosh, tinha muito vinil em casa, então aproveitei muito de um ambiente musical, mas sou o único que virei músico da minha família. Sou a primeira geração de músicos, mas agora tenho sobrinhos que também estão na música e eu fico muito orgulhoso que tem mais pessoas da minha família nesse ramo artístico.



Como foram seus primeiros trabalhos como baixista?

>>>Comecei a tocar com uns 15 anos, o ano era 1982 e ainda existia estúdio de "classe média", de fazer demo, cassette, de fazer coisas que não era para estourar na rádio, ficava mais para registro. Existia bastante estúdios modestos gravando músicos ao vivo, agora não existe mais isso, todo mundo faz em casa. Eu me formei como músico, só que passava tanto tempo no estúdio que virei produtor, virei o produtor da minha primeira banda de Ská, o The Scofflaws e o selo se interessou porque o primeiro disco saiu muito bem, com um som muito bom e o dono do selo (Moon Records) quando ficou sabendo do orçamento ele ficou muito impressionado e queria que eu produzisse discos pra ele.

Sua primeira viagem para o Brasil, foi para substituir o baixista da banda The Toasters. Sobre isso como foi sua experiência no Brasil e como foi sua saída dos Estados Unidos para cá?

>>>Minha primeira experiência aqui foi incrível, eu já sabia que queria sair dos Estados Unidos, de Nova Iorque, mas estava de olho na Europa. Com os The Toasters, a primeira parada foi no centro de São Paulo, na rua dos Timbiras. Aquilo me lembrou a Nova Iorque dos anos 80, uma época que eu gostava, porque nos Anos 90, o prefeito, Rudolph Giuliani, mudou muita coisa, que é o que está acontecendo aqui agora em São Paulo. Enfim, me senti muito confortável aqui, me senti muito eu mesmo e fui embora da primeira visita sentindo falta. A última gota d'água foi o 11 de setembro, desde esse dia então eu comecei a fazer aula particular de português, ainda nos Estados Unidos e em 2002 me mudei definitivamente para o Brasil.

Como vieram as primeiras oportunidades de trabalho aqui?

>>>Bem, isso demorou. Eu já conhecia a família Takara do estúdio El Rocha, o Claudio Takara e os seus filhos Daniel Ganjaman, Fernando Sanches e Mauricio Takara, cada vez que eu visitava o Brasil eu arrumava uns dias no estúdio para trabalhar, alugava sala. Logo, foi o Ganjaman que deu meu primeiro trabalho aqui, para fazer remix. Nos primeiros 5-6 anos aqui eu fiquei indo e vindo, gastei tempo tanto em Nova Iorque quanto aqui, trabalhando numa empresa nos Estados Unidos de pós-produção para Tv e me virando. Em 2010 cada vez que eu precisava mixar disco de fora, para os alemães por exemplo ou para os americanos, eu alugava o El Rocha.

Você mixou dois discos de MPB que ganharam o Grammy, como foi essa experiência?

>>>Nessa eu também culpo os Takara, o Fernando Sanches estava trabalhando com o Marcelo Camelo em 2010 e falou para o Marcelo que ele deveria mixar o disco dele comigo. No mesmo dia eu dei uma passada no El Rocha, só pra tomar um café com o Claudio e então o Fernando me chamou e disse que tinha falado de mim pro Marcelo Camelo. Nisso tudo acabei mixando o disco dele, o "Toque Dela", ele gostou muito e me pediu logo depois para estar na produção inteira do disco da Mallu Magalhães, o Pitanga. Após isso, foram surgindo novas oportunidades de trabalhar com artistas da cena MPB.

DO AOS TRIBUNAL PALCOS

A VIDA DE UM ADVOGADO APAIXONADO POR TEATRO

André Porchat é nascido e criado na capital de São Paulo. Mora há 2 anos no Jardins e trabalha como advogado, mas não nega o seu amor pela arte.

Ele está em seu dia de folga, isso acontece aos finais de semana. Aceitou me receber em um bar, onde toma sua cerveja bem gelada.

Deixou derrubar um pouco de bebida em sua blusa branca, mas não se incomoda com isso, logo limpa com um guardanapo e voltamos o assunto.

"Acho que fiquei nervoso com essa entrevista", ele brinca.

Há 5 anos André buscou o teatro para melhorar sua forma de expressão e combater a timidez, o que ajudaria muito em sua carreira como advogado. O que não esperava era que encontraria ali uma nova paixão: o mundo dos palcos.

“O teatro, além de um amor, acabou virando minha terapia”, diz.

A primeira escola de teatro que ele fez parte foi o Macunaíma, mas por questões profissionais não conseguiu encerrar o módulo que durava 7 meses, e com isso se afastou de pisar pela primeira vez ao palco.

Sentada na mesa do bar com André, posso observar o quanto sua vida é corrida e seu olhar sempre atento e ansioso. O telefone toca e ele pede desculpa, pois não pode deixar de

atender, começa a falar sobre uma audiência e logo depois precisa ligar novamente para outro cliente.

Enquanto estava ao telefone não parava de balançar o pé direito.

Na época em que estudava no Macunaíma, André começou a frequentar a Praça Roosevelt com os colegas da turma e acabou conhecendo o Satyros, uma companhia de teatro que completa 30 anos neste ano. Mesmo depois de estar afastado do teatro, ele estava sempre assistindo peças no Satyros e com um enorme desejo no coração: Poder um dia pisar no palco! “Foi então que eu entrei no perfil deles do Facebook e vi que eles estavam oferecendo vagas para as oficinas, me inscrevi e estou estudando lá atualmente”

“O teatro, além de um amor, acabou virando minha terapia”

Ao pisar no palco sentiu um frio na barriga e um nervoso ao ver as pessoas na plateia. A ansiedade já não cabia mais dentro de si, mas – segundo ele – tudo foi mágico, saiu do jeito que deveria sair. “Teatro realmente tem que ser feito por paixão, pois na nossa peça sobrou menos de R\$4,00 para cada um”, conta André. Rimos muito da situação. Pergunto a ele se há um valor no ingresso e ele diz que não, pois segundo a companhia: a arte não tem preço. Com isso as pessoas podem pagar quanto quiser. A companhia sempre tenta fazer uma crítica social e em suas peças, na maioria das vezes, os atores ficam nus pois eles consideram isso uma assinatura.

As pessoas que trabalham no Satyros não recebem pagamento, trabalham em troca de permutas, ou seja, são convidados

para participar de peças quando faltam atores ou se for necessário ficar nu.

Para ele um dos atrativos do curso do Satyros em relação aos demais foi a carga horária – de 3 horas semanais (1 vez na semana) – que o permite conciliar o trabalho com o Teatro. “Mesmo optando por pegar papéis de menores destaques para não atrapalhar os outros atores, eu não pretendo sair do teatro nunca mais”. Ao terminarmos a entrevista ele me deseja, com um sorriso de canto de boca, “MERDA”, expressão de BOA SORTE no teatro. E já levanta a mão para o garçom pedindo mais uma cerveja e outro copo. “Agora ela pode beber”, diz.

por Bianca Machado

DA REALIDADE À ENCENAÇÃO



Descendentes da diáspora Armênia

Em memória do genocídio, o povo Armênio celebra sua cultura como forma de resistência.

por Kleber Paixão e Bruno Borges

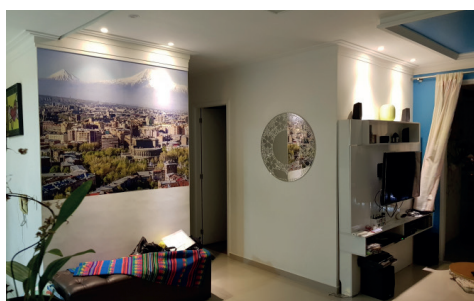
Em um mundo globalizado onde os jovens estão cada vez mais homogeneizados, chama-se atenção quando nos deparamos com adolescentes ou até mesmo crianças ligadas às histórias de seu povo, que valoriza tanto a tradição e ao mesmo tempo que são tão parecidos entre si, se distingue dos jovens, que buscam apenas a identidade em marcas de roupas, gírias, música e eletrônicos. O povo armênio desde cedo já encontra em sua tradição e passam a traçar seu caminho em busca da autenticidade. Mesmo sendo a terceira ou quarta geração que vive longe de sua pátria, esses jovens têm forte ligação com sua cultura. A distância não os afasta, mas cria o sentimento da necessidade de união e resistência. E por 104 anos o povo armênio resiste e sua cultura celebrada longe de casa é a prova viva disso. A supressão da cultura é uma das formas mais cruéis de dominação, representa muito da violência simbólica que muitas culturas dominantes exercem em países colonizados. Ao longo da história aconteceu enquanto os alemães suprimiram a cultura judaica. Durante a ditadura franquista, na Espanha, o fizeram com os catalães. No período de escravidão na América Latina, com o povo africano e indígena. E não foi diferente com os armênios durante os anos de dominação do império otomano. Mas a cultura mostra sua força e floresce entre as grades da violência simbólica.



Atualmente na cidade de São Paulo vive cerca de 50 mil descendentes de armênios, essa imigração que começou no fim do século XIX, um número mais expressivo aportou em Santos em 1920, na diáspora armênia, a fuga dos armênios do massacre do império Turco-Otomano. Hoje a comunidade armênia já está muito adaptada ao Brasil, mas mesmo assim eles não abandonam suas raízes, se reúnem frequentemente, praticam danças de seus antepassados e lutam para o reconhecimento do genocídio armênio. A imigração armênia teve duas fases, a primeira, pouco documentada, data do fim do século XIX. Esses vieram em busca de trabalho e essa leva se confunde facilmente com os sírios e libaneses. A segunda fase foi em 1920 quando vieram muitos armênios sobreviventes do massacre Otomano. A vida longe da pátria e a necessidade de manter tradições e língua milenares nas gerações nascidas na diáspora é o ponto que faz o povo armênio passar para seus descendentes a sua cultura de maneira intensa.

Sementes de CIPRESTE

Daron e Trô, 10 e 11 anos, já são a segunda geração nascida no Brasil da família Kalaydjian e, mesmo tão jovens, mantêm a tradição milenar, falam em armênio, principalmente com o pai, Sarkis, 52 anos, que nasceu no Líbano também filho da diáspora armênia. Todos os domingos a família vai à missa cantada em armênio na Catedral Apostólica Armênia de São Jorge que fica na Av. Tiradentes, próximo à estação que tem o nome da pátria, Armênia. Família genuinamente de filhos, netos da diáspora armênia, termo dado aos filhos de sobreviventes do massacre, aliás, Vartine, 44 anos, que nasceu em São Paulo e o marido Sarkis, fizeram questão de se casarem na Armênia, na igreja Surp Hripsime (Santa Hripsime) em 2003. Ela conta muito emocionada que foi uma loucura, organizaram tudo em 10 dias na Armênia, mas foi a realização de um sonho. Vartine, conta " No dia do casamento eu tive a certeza de que a gente fez a coisa certa, porque ali dentro de uma igreja de 1.800 anos, sem luxo, sem bancos para sentar, sem paredes pintadas, apenas a pura pedra de 1.800 anos... a hora do cheiro do incenso da igreja ortodoxa, as velas, quando o padre junta as cabeças dos noivos, é muito poderoso aquele momento. Ali eu vi que, como se todos meus avós e bisavós que morreram no genocídio, estivessem ali benzendo a gente, dentro de mim eu senti um orgulho de saber que fiz a coisa certa, poxa estamos vivos e a nossa cultura vai continuar."



O casal que vive em São Paulo desde o casamento têm em sua casa logo na entrada um grande quadro com a imagem da Cidade Yerevan, capital da Armênia, com o Monte Ararate ao fundo, o maior símbolo nacional para os armênios, montanha que tem grande força religiosa e que hoje pertence aos turcos. O monte Ararate é carregado simbolicamente pois foi ali em que a terra renasceu após o dilúvio. A forte arca, resiliente em suas tábuas de cipreste, resistiu ao massacre das águas. E o povo armênio segue seu exemplo e resiste por mais de um século, após o massacre turco, sua cultura é expressão disso, seus filhos, seus netos, frutos da resistência, sementes para a cultura armênia. Sarkis conta que a grande montanha pode ser vista de qualquer lugar da armênia "Na armênia quando acordamos, abrimos a janela e vemos o monte Ararate é uma lembrança que temos, uma causa mal resolvida, o genocídio que não foi reconhecido até hoje, tantas provas, tantos países grandes como França, Canadá já reconheceram".

Outra ligação forte que os armênios têm com seus antepassados é através da dança, a Gochari.

Considerada patrimônio cultural da UNESCO, é praticada em grupo, tanto por homens quanto por mulheres e tem como tema a agricultura, caça, lamentações ou comemorações. A estudante Anais Zadikian, 21, dá aulas de dança armênia no Clube Armênio em São Paulo, como iniciativa do Ramazkayin Brasil, uma

organização cultural da Armênia presente em todos países da diáspora. Atualmente Anais está passando uma temporada na terra de seus antepassados, Armênia, ela conta que existe um movimento no país para atrair ainda mais os

jovens para a música armênia tradicional. "Existe um grupo aqui chamado Karin, é um grupo bem jovem. Eles se reúnem mensalmente, toda última sexta-feira de cada mês para celebrar a cultura armênia. É bem legal isso, uma cultura tão antiga sendo praticada pelos jovens hoje aqui na armênia. É uma ferramenta importantíssima, é arte né, arte sempre toca o ser humano de uma força diferente" diz Anais. Em São Paulo o clube armênio

tem dois grupos que se apresentam e dão aulas para os interessados, a intenção é preservar e disseminar a cultura armênia. A dança tem uma representatividade tão forte para os armênios que eles a usam até mesmo para manifestações na luta pelo reconhecimento do genocídio. "As crianças dançam para mostrar que nossa cultura sobrevive" diz Vartine. Sempre no dia 24 de abril, por exemplo, os jovens dançam a Gochari em frente ao Consulado Geral

da Turquia aqui em São Paulo. A ação faz parte das manifestações, pelos massacres, que em 2019 fez 104 anos. Além disso eles ainda plantaram 104 sementes de árvores na praça em frente ao local. A cada cinco armênios pelo mundo apenas

um vive em sua terra, são 11 milhões espalhados pelo mundo, 3 milhões ficam na Armênia e, apesar da distância, nada é capaz de enfraquecer sua luta, nem o lobby turco, nem a tentativa de descredibilizar os números do genocídio apresentados pelos Armênios (1,5 milhão), nem quando eles tentam se bastar na justificativa de que as mortes foram resultados de uma guerra civil. Quem esquece a história está fadado a repeti-la.





“Quem, afinal de contas, fala hoje da aniquilação dos armênios?”, essa frase foi dita por Adolf Hitler antes da invasão na Polônia, imaginando que seria esquecido, muito pelo contrário, nada foi esquecido e jamais será permitido que o seja, nem o extermínio dos poloneses e nem o genocídio armênio. O povo armênio dança e canta, faz orações, se manifesta, resiste, eles estão cada vez mais fortes e unidos.







LOLLA EM CONTRASTE

Uma experiência e reflexão sobre o mega festival
sediado na capital paulistana.



São três dias que levam milhares de pessoas ao Autódromo de Interlagos com o intuito de uni-los através de algo em comum: a música. O Lollapalooza Brasil, que aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de abril reuniu nesta edição importantes nomes da música nacional e internacional, como Kendrick Lamar, Arctic Monkeys, Tribalistas, Lenny Krevitz, Gabriel, O Pensador e Iza.

Esse foi o primeiro ano que estive presente nos três dias de festival e posso dizer que todos os artistas que contam com meu apreço entregaram shows capazes de satisfazer minhas expectativas, outros, os quais não costumo acompanhar, me surpreenderam com

seus espetáculos e alguns, foram apresentados a mim naquele cenário.

Um festival como o Lollapalooza tem o poder de te transportar para um universo à parte. Para começar, o ingresso é uma pulseira que basta ser aproximada de um totem para liberar sua entrada, a mesma funciona como uma espécie de cartão para que se consuma dentro do festival, não havendo a necessidade de andar com dinheiro em espécie. Os tradicionais lambe-lambes onde todo mundo posa para uma foto estão por toda parte e os patrocinadores do evento fazem ativações bem elaboradas aos espectadores, voltei cheio de brindes para casa.

Seus 4 palcos, espalhados pela área de 1 milhão de metros quadrados, contam com atrações intercaladas durante o dia todo fazendo com que o público explore o território e os brinquedos como a roda gigante e kamikaze, dão um ar a la parque de diversões.

Todo esse cenário ganha uma atmosfera ainda mais mágica quando o sol sai de cena e um verdadeiro show de luzes e pirotecnia assumem a tarefa de iluminar o espaço. O dia de evento se encerra com uma bela queima de fogos de tirar o fôlego que te faz querer rebobinar e aproveitar tudo mais uma vez.

Contraste

Uma mega estrutura como essa contrasta com a realidade de muitas pessoas. O Lollapalooza causou polêmica desde o anúncio do preço dos ingressos, a entrada "baixa renda" não saía por menos de R\$ 450,00 no primeiro lote de vendas. É simbólico que ao desembarcar na estação Autódromo-Interlagos, damos de cara com uma favela, que testemunha a dificuldade das classes menos favorecidas a acessar eventos como esse e, talvez, seja esse o motivo da falta de diversidade quanto ao público do festival. Os preços de alimentação no Lollapalooza também não são acessíveis às classes mais baixas. Se você deseja curtir os três dias de festa é bom se preparar para desembolsar uma grana.

Esses não são os únicos problemas, não passou despercebido a reportagem publicada pela Folha de São Paulo, no sábado (6), segundo dia de festival. O veículo denunciou que a diversão proporcionada pelo Lollapalooza está associada, pelo segundo ano consecutivo, à situação de trabalho escravo. Segundo informações, os trabalhadores contratados para erguer os palcos, alegam que a organização do evento foi até um albergue na Mooca, região da Zona Leste de São Paulo, onde vivem, para contratá-los pelo serviço e que lhes pagaram R\$ 50,00 por uma jornada de trabalho de doze horas.

O Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões de São Paulo (Sated-SP) repudiou a prática e se desculpou por não ter agido preventivamente já que essa não é a primeira vez que a organização age dessa forma. O Sindicato recorrerá ao Ministério Público do Trabalho para denunciar as irregularidades.

Um paradoxo

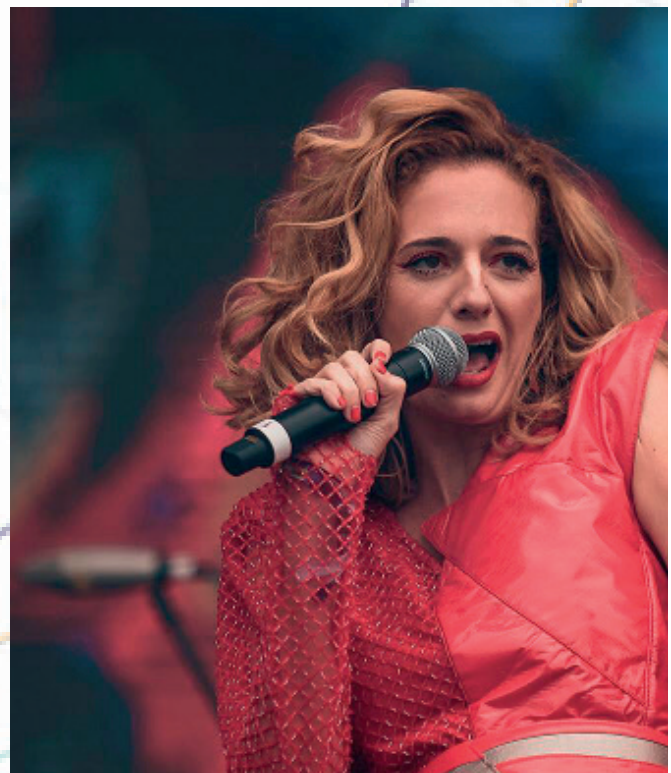
Apesar da fama de elitista e

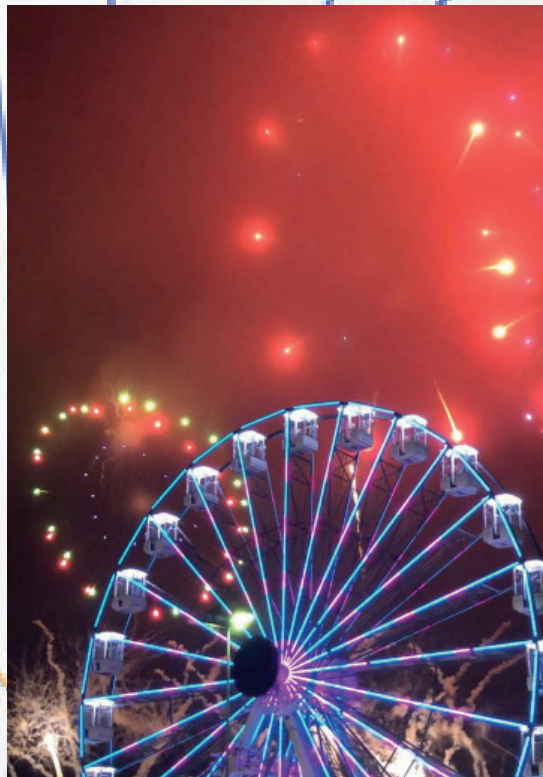
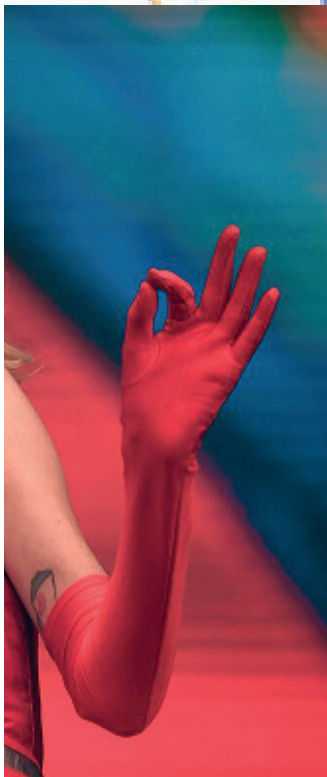
das acusações que pesam, o Lollapalooza abre espaço para que novos artistas despontem, o que é positivo. Neste ano conheci a incrível Luiza Lian, uma artista brasileira que exalta a cultura afro nas letras de suas músicas, com voz calma e melódica. Letrux, uma outra artista independente, trouxe sua voz forte e performática para o palco Adidas. O espaço Bud Station deu um empurrãozinho para que "bandas de garagem" se apresentassem ao público do festival e quem sabe assim, encontrassem seus primeiros fãs.

Além desse importante espaço para a carreira de artistas independentes, a mensagem que bandas como a internacional The 1975 trás para nossa geração merecem ser ouvida. Com sua crítica à sociedade pós moderna, conceito que marca seu último álbum de estúdio, A Brief Inquiry To Online Relationships, os meninos de Manchester levaram uma multidão a cantar refrões contra à política de Donald Trump e a tecnologia alienadora do século 21.

O grupo Portugal. The Man, ampliou a voz da luta indígena trazendo ao palco um grupo de índios com inflamado discurso pela demarcação de terras e contra o genocídio indígena. Houve protestos contra o atual presidente.

Os Tribalistas, fizeram um show de dar orgulho e mostraram que nossa cultura não fica nem um pouco atrás dos nomes internacionais no lineup. O trio formado Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, mataram a saudade de fãs nostálgicos com um show inesquecível. Após uma pausa que durou 15 anos, eles se despediram novamente do público no palco principal do Lolla, após se reunirem para uma turnê que passou por 29 cidades da América do Sul.







UMA EXPERIÊNCIA ETILICA

Exibir curtas-metragens independentes é uma tarefa árdua. Primeiro pela falta de espaços para exibição. Segundo pela dificuldade de atrair o público não-cineasta para estes espaços e eventos. “Mais fácil levar a galera pro bar que para uma mostra de curtas independentes”, me disseram. Mas por que não juntar os dois? Foi assim que surgiu a proposta do Cine Birita.

O Cine Birita é uma mostra de curtas-metragens independentes que acontece quinzenal ou mensalmente. A ideia é realizar sessões em diferentes bares, levando a produção audiovisual para um espaço de socialização onde o público já estará presente para conferir as obras.

Para começar, abri um formulário para inscrição e pedi ajuda de algumas páginas que divulgam editais e festivais. Na primeira semana, o formulário teve 50 filmes inscritos. Na segunda já estávamos com cerca de 90. Poucos dias depois, cento e tantos.

Chamou a atenção o grande interesse dos realizadores em exibir seus filmes em espaços não convencionais. O fato pode ser encarado também como um sintoma para a falta de canais de divulgação do cinema independente, o que em geral acontece em festivais, mostras e outros eventos muito específicos.

Enfim veio a primeira edição, no Café dos Bancários, centro de São Paulo, em setembro de 2018. Na curadoria, apenas dois critérios objetivos: filmes com menos de 20 minutos; e metade da programação composta por filmes dirigidos por mulheres.

Logo após a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, o Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e região decidiu promover uma série de atividades, no calendário que eles batizaram de “Novembro da Resistência”. O Cine Birita, então, foi convidado a fazer uma nova edição no Café dos Bancários, após termos passado por outros dois bares de São Paulo e um do Rio de Janeiro. Selecionei quatro

filmes respeitando os critérios objetivos citados acima, mas escolhendo também a temática abordada nas obras. Exibimos quatro filmes que abordam a questão racial, religiões de matrizes africanas e diversidade sexual. Desde então, todas as edições passaram a ser temáticas – desigualdades sociais e relacionamentos foram alguns dos temas que selecionamos para edições seguintes, por exemplo.

O que foi possível aprender neste período? Tem muita gente fazendo filme. E muita gente muito boa.

“Danilo Motta é jornalista, mestre em Literatura Brasileira pela UFF (sim, aquela da “balbúrdia”), organizador do Cine Birita e produtor de cinema independente”

A grande dificuldade é conseguir exibir todos eles. Hoje, após 12 edições (todas com entrada gratuita, cabe ressaltar), temos cerca de 200 filmes ainda por exibir – de diferentes cantos do Brasil, com diferentes formatos, narrativas, linguagens.

É notória a dificuldade de produzir cinema no Brasil – sim, estou repetindo o que eu já disse lá em cima. O que se propõe é que o Cine Birita se apresente como mais um espaço onde o público e os realizadores possam se encontrar e, obviamente, que o cinema independente tenha, de alguma forma, o seu reconhecimento.



O CINEMA COMO SOFT

A maior violência é aquela que não é percebida como tal.

por Bruno Borges

Já se perguntou alguma vez o porquê enxergamos como objetivo de vida ser uma pessoa rica, bem sucedida profissionalmente e moralmente melhor? A forma como nos relacionamos com o mundo pode parecer muitas vezes autêntica, mas a verdade é que estamos todos expostos massivamente a influências através da cultura que muitas vezes são imperceptíveis. E de repente o sinônimo de ser uma pessoa realizada é ser um bilionário, gênio, playboy, filantropo e que dirige um audi e-tron GT. Talvez você não sonhe em sair voando por aí com uma armadura de alta tecnologia capaz de destruir um exército, mas muito do que tony stark diz e representa influencia você e milhões de pessoas ao redor do mundo. E o Homem de Ferro não é o único representante dessa cultura dominante que nos influencia a todos. Para entender melhor o assunto conversamos com Rene Guedes, Professor de cultura fílmica e Mestre em Economia Internacional e Planejamento pela Universidade Grenoble. E também falamos com Bruno Casalotti, Mestre em Sociologia pela UFRGS e Doutorando Sociologia do Trabalho, com foco em profissionais do audiovisual pela UNICAMP. A cultura nos ajuda a criar identidade de um povo, e a maneira como a sociedade se relaciona produzindo e reproduzindo a cultura, é uma constante troca que estabelece a produção cultural. Apesar de cada povo e país ter uma cultura diversa e singular o efeito da globalização teve como característica a cristalização de algumas culturas, criando uma relação de dominação de uma sobre a outra. No mundo capitalista e globalizado em que vivemos é praxe que países que possuem características imperialistas tentam exercer seu domínio sobre os outros. Esse domínio pode se dar de basicamente duas formas, a primeira é de maneira violenta e através do poder bélico, chamado de hard power e a segunda forma é quando a potência exerce um domínio simbólico através do capital cultural. Este tipo de dominação acontece de forma mais branda e uma de suas características está no fato de não ser quase nunca percebida como dominação, esse é o soft power.

POWER

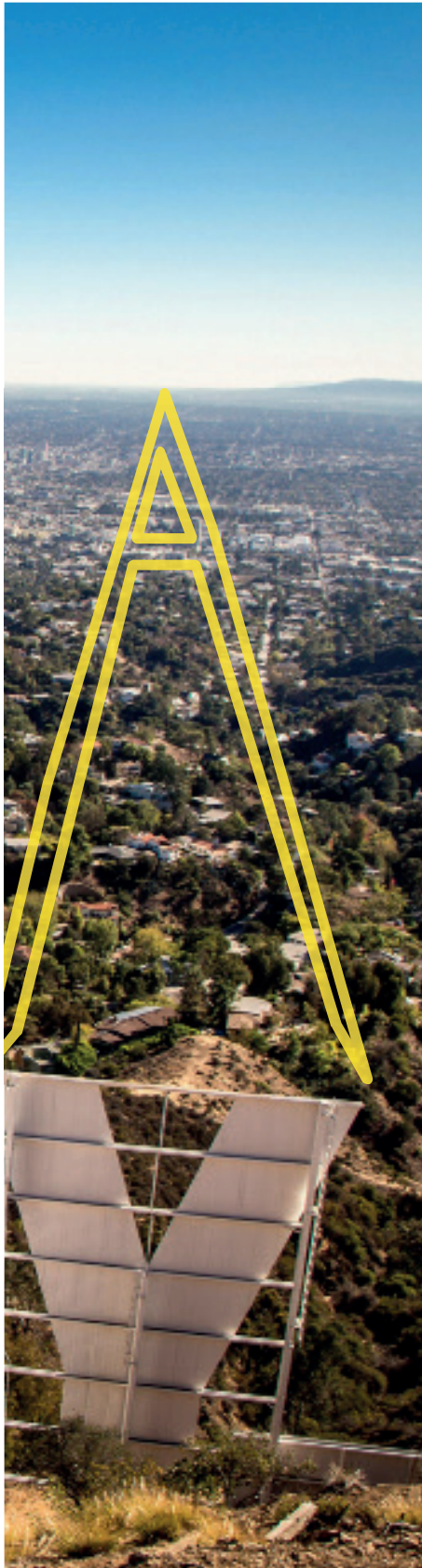
HOLLYWOOD





O maior exemplo disso é a indústria de hollywood, que apesar de não ser a maior produtora de filmes em número, domina o mercado em receita e exibição. Hollywood através de seus filmes reproduz a cultura americana e naturaliza diversos aspectos dessa cultura. Hollywood não é a maior indústria cinematográfica a toa, Rene nos traz algumas informações que ajuda a esclarecer um pouco o tema, para ele "O conceito de 'Indústria cultural', formulado pelos sociólogos Theodor Adorno e Max Horkheimer, explica bem o que é Hollywood. Ela é a representação desse hipercapitalismo estadunidense, que nasce já nas primeiras décadas do século XX como um acelerador fantástico

de sonhos e desejos tão propagados por aquela cultura. A indústria sofre o seu grande impulso após a crise da bolsa de 29. E a crise, que levou o país à falência (assim como grande parte do mundo) fez Hollywood explodir, oferecendo sonhos fugazes e românticos para exércitos de desempregados. Não demorou para o poder tecnocrático reconhecer sua importância estratégica. Dos anos 20, que estigmatizava atores e desdenhava artisticamente do cinema, aos anos 40, durante o esforço de guerra, a indústria cinematográfica mudou radicalmente de patamar social e artístico. Logo, e naturalmente, o cinema incorporou a lógica capitalista. Se estruturou, ganhou relevância política e econômica, atraiu capital de todos lados (a General



“O Cinema brasileiro sobreviveu a 64, 68, à década perdida dos 80, ao Collor...”

Ela vai sobreviver ao cerco Bolsonarista.”

Electric, que produz turbinas e geladeiras, é acionista majoritária da Universal. Quase todos os estúdios de Hollywood concentram acionistas do mundo dos negócios).”

Bruno Casalotti traz a tona um fator importantíssimo como o controle das salas de exibição, “os EUA, desde muito cedo, estabeleceram parques industriais gigantescos de audiovisual. Na sequência, criaram distribuidoras multinacionais que se apoderaram dos circuitos nacionais de distribuição e exibição. Aqui no Brasil, por exemplo, uma empresa que nem a Paramount passou a atuar desde o início do século XX. Ao longo do tempo, isso fez com que o espaço para a circulação de produções nacionais fosse exíguo. No cinema, isso é assim até hoje (vide o domínio das salas de cinema no caso do filme Os Vingadores).

Essa lógica foi transposta para televisão, de certa forma. Junto do cinema vem não apenas o entretenimento; mas, também (de contrabando), estilos de vida, visões de mundo, ideologias políticas, etc.”

Nesse momento fica bastante claro que a disseminação da cultura americana vai muito além do que pura propaganda consumista materialista. A intenção não é apenas fazer com que compreemos bens e serviços, que devemos consumir seus alimentos, vai muito além disso. O consumo que é estimulado aqui é o de visão de mundo, ideologias políticas, o moralismo em certa medida vem na bagagem. A ideia dessa dominação simbólica é fazer com que as pessoas se pareçam cada vez mais. O problema em ter uma cultura massivamente exposta a cada vez mais pessoas é que isso é um tanto quanto antidemocrático, uma dominação cultural em que tenta suprimir as expressões culturais locais faz com que essas regiões se tornem dependentes da cultura importada e alienado em relação a sua própria cultura. Desconhecendo suas raízes e se cegando a respeito das relações sociais daquele povo. Claro que isso não quer dizer que devemos rejeitar as culturas que vem de fora, mas começarmos a nos atentar em quais são elas, o que elas estimulam e qual a intenção por trás. É sempre bom mantermos a postura aberta e crítica. Com crítica podemos tornar o intercâmbio cultural ainda mais rico e além de sermos receptivos em

relação a outras culturas, podemos assim expor a nossa e termos mais autenticidade. A verdade é que o Brasil não passa um momento nada bom, a medida que temos cada vez mais salas de cinemas exibindo filmes estrangeiros, estamos sofrendo um boicote e desmanche na política interna em que temos cada vez menos verbas e condições para o estímulo à produção cultural e cada vez menos ao acesso. Mas nem tudo é um mar revolto, apesar de coisas não andarem bem o cinema brasileiro tem se mostrado um guerreiro. Em Cannes “A vida invisível de Euridice Gusmão”, dirigido por Karim Ainouz, venceu a mostra Um Certo Olhar e “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles ganhou o Prêmio do Júri. Esse é o tipo de estímulo moral que o Brasil precisa para continuar batalhando o seu espaço de prestígio dentro da produção cultural mundial.

Rene e Bruno concordam que neste momento o cinema brasileiro precisa buscar formas de inovar tanto em linguagem como a forma que vão veicular e exibir os filmes. Bruno nos dá algumas dicas qual o possível caminho, “Um bom exemplo desse tipo de iniciativa é a Plataforma Taturana ou o SP Cine Play.” Para Rene ainda, não podemos deixar de lado, “Políticas públicas, ou mesmo pela articulação da sociedade civil, deve municipalizar os núcleos produtivos de cinema popular e periférico.”

Rene ainda finaliza nos deixando ótimas recomendações de produções, “Cineastas como Adirley Queirós (Branco sai, preto fica) e Rodrigo Aragão (Mata Negra) são novos cineastas que nascem à margem da estrutura cultural convencional dos grandes centros brasileiros. O Primeiro filmando a forma como a periferia vê o mundo (e o transforma) e o segundo interseccionando as referências culturais e religiosas em filmes de terror anárquicos e originais. Eles fazem um cinema novo, no sentido das liberdades (e urgências) temáticas, surgidos no vácuo e na ausência das estruturas de fomento. Fazem um cinema brasileiro e muito crítico. São muitos os caminhos, eles apresentam um bastante viável.”

1975
1976
1978
1980
1983
1991
1993
2000
2008
2014

A LINHA DO TEMPO DO PUNK FEMINISTA

O punk surgiu como um movimento musical e cultural em meados da década de 1970, tendo como características, tanto na música como no comportamento, um visual agressivo e chocante que fugia aos padrões estabelecidos para a época. As mulheres aos poucos começaram a fazer parte desse movimento, mudando totalmente o cenário antes estabelecido. Aqui está uma linha do tempo dos discos punks mais importantes produzidos por mulheres que quebraram estereótipos mudando a história da música.

Por Micaela Costa

Patti Smith

1975 HORSES



"Jesus died for somebody's sins but not mine" é assim que começa as primeiras estrófes de Horses, primeiro disco lançado pela cantora-compositora Patti Smith. Horses é um dos discos mais influentes da história da música, um dos pioneiros quando o assunto são mulheres produzindo música punk.

X-Ray Spex

1978 Germfree Adolescents



X-Ray Spex conseguiu com Germfree Adolescents estar no topo das listas dos melhores discos de Punk Rock. Em 2003 a revista Mojo ranqueou o disco na posição 20 entre os 90 melhores discos de punk. Com singles como "The Day the World Turned Dayglo" e "Identity" as mulheres do X-Ray Spex fizeram história na cena punk.

Neo Boys

1980 Crumbling Myths



Banda americana de Portland, Neo Boys ficou conhecida por suas letras políticas e feministas. Com quatro integrantes mulheres, a banda se destacou no cenário da música e faz parte da história da cena punk dos anos 80. Crumbling Myths é um disco que vale a pena ser explorado e relembrado como grande obra-prima do punk feminista.

VULPES

1983 Me Gusta Ser una Zorra



A primeira banda punk da Espanha foi a Vulpes, criada a tempo após apresentar o single "Me Gusta Ser una Zorra" em um programa de televisão espanhol. Na época, recebeu muitas críticas pela performance, a que gerou um escândalo midiático e um processo judicial. Muito à frente do seu tempo, Vulpes é parte da história do punk feminista.

Bikini Kill

1991 Revolution Girl Style Now!



Banda americana de Washington, Bikini Kill é formada pela cantora e pioneira do movimento riot grrrl, Kathleen Hanna. A banda revolucionou a cena punk dos anos 90 com letras feministas e atitude de pura rebeldia. Bikini Kill é de extrema importância para a história do punk, influenciando mulheres até os dias de hoje.

Bratmobile

1993 Pottymouth



Banda da primeira geração do movimento riot grrrl, além do punk, Bratmobile também tem elementos do post e do garage rock. A banda começou quando as integrantes Allison Wolfe e Molly Neuman começaram a colaborar para uma fanzine feminista chamada Girl Genes. Bratmobile é uma grande referência do melhor do punk feminista dos anos 90.

Sleater-Kinney

2000 All Hands On The Bad One



Banda americana de Washington, Sleater-Kinney é a parte importante do movimento riot grrrl. O disco All Hands On The Bad One se tornou o mais popular do grupo, levando a banda ao mainstream. Ele é carregado de letras com conteúdo político, feminista e trata de variados temas sociais. Um dos discos punks feministas mais conceituados da virada do milênio.

New Bloods

2008 The Secret Life



Trio de Portland, o New Bloods mistura o som cru e pesado do punk com a suavidade do violino. Não é que a mistura dá muito certo? A banda se destacou com seu disco de estreia The Secret Life, sendo bem elogiado pela crítica. Ele fala sobre mulheres, atitude e, principalmente, o mais cruo punk rock.

White Lung

2014 Deep Fantasy



Trio de Vancouver, Canadá, White Lung começou seus primeiros trabalhos em 2010 e fez com Lisa Hanauy, em 2014, que eles produziram o melhor do punk rock. A Rolling Stone ranqueou o disco na posição 39 da lista dos 100 Melhores Discos Punk de Todos os Tempos. Um dos discos de punk feminista que merece toda a sua destaque.

AGENDA

por Nathalia Freitas

ENTRA QUE LA VEIN HISTORIA

A exposição entra para o dia 15 de maio, às 10h, no Espaço de Arte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em São Carlos. A mostra apresenta 40 obras de arte produzidas por artistas locais, com o tema "A História da Arte em São Carlos".

Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP

Contato: (41) 3333-3333

TEATRO POPULAR

Teatro Popular é uma forma de teatro que busca a participação popular e a transformação social. É uma forma de teatro que busca a participação popular e a transformação social.

Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP

Contato: (41) 3333-3333

FESTIVAL DE ARTE

O Festival de Arte de São Carlos é uma das principais manifestações culturais da cidade. É uma oportunidade para os artistas locais apresentarem suas obras e para o público apreciar a diversidade cultural da cidade.

Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

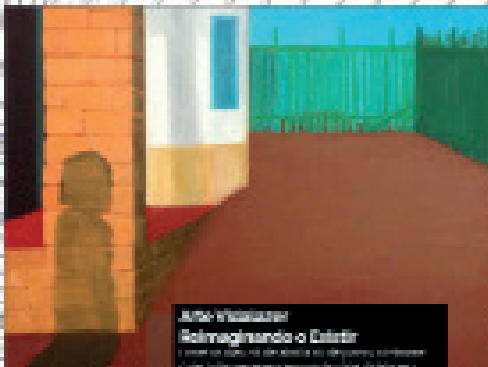
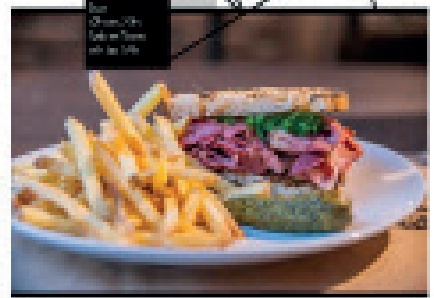
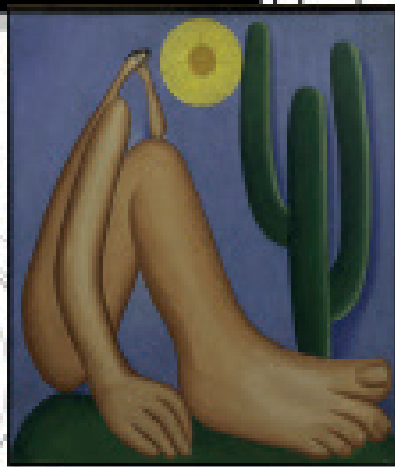
Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP

Contato: (41) 3333-3333



Auto-Vigilância: Solmaginando o Estado

A exposição aborda a questão da vigilância e o estado de exceção. É uma oportunidade para refletirmos sobre o papel do Estado e a importância da cidadania.

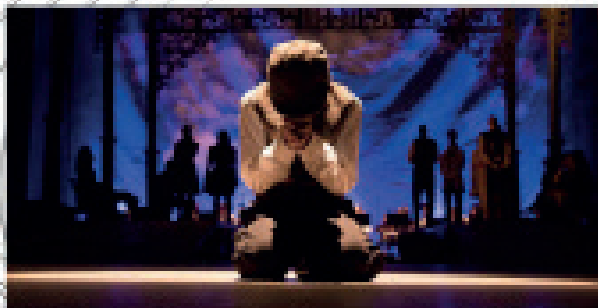
Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP



3º Festival de Teatro Inglês

O 3º Festival de Teatro Inglês é uma oportunidade para os alunos da escola apresentarem suas peças em inglês. É uma excelente oportunidade para praticar o idioma e desenvolver habilidades teatrais.



ARRAIAL DA CIDADE

O Arraial da Cidade é uma das principais festas populares de São Carlos. É uma oportunidade para os moradores locais apresentarem suas danças e músicas tradicionais.

Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP

A VIDA DE CHICO KAVIRI EM UM CISCO

A exposição aborda a vida de Chico Kaviri, um dos principais artistas locais. É uma oportunidade para conhecermos mais sobre sua obra e sua trajetória artística.

Cidade: São Carlos, SP
Endereço: Rua da Constituição, 100 - Centro - São Carlos, SP

Exposição: 15 de maio, 10h

Horário: 10h às 18h

Preço: R\$ 10,00

Local: Espaço de Arte da FAPESP

Contato: (41) 3333-3333

